



ZÉ POVINHO CELEBRA 150 ANOS COM EDIÇÃO ESPECIAL DA BORDALLO PINHEIRO



Julho, 2026, Caldas da Rainha - Há figuras que atravessam gerações sem perder atualidade. O **Zé Povinho** é uma delas. Criado por Raphael Bordallo Pinheiro em 1875, o mais icónico retrato do povo português celebrou 150 anos de existência em 2025, marco que agora celebramos com uma peça comemorativa integrada na coleção **Figurões** da Bordallo Pinheiro, idealizada pelo caricaturista António.

Apresentado pela primeira vez a 12 de junho de 1875, nas páginas centrais do jornal *A Lanterna Mágica*, do próprio Bordallo Pinheiro, o **Zé Povinho** nasceu como uma crítica mordaz à sociedade portuguesa e rapidamente se transformou num símbolo nacional. Um século e meio depois, continua a refletir os hábitos, os vícios, as inquietações e as contradições do país – mantendo intacta a sua impressionante contemporaneidade.

Nesta nova interpretação, o **Zé Povinho** surge atualizado às massas do século XXI: vive entre ecrãs, distrações e a paixão pelo futebol, enquanto observa – entre a ambição e a resignação – a ostentação alheia. Uma personagem que continua a preferir o “faz de conta” à confrontação direta com a realidade, numa ironia que permanece desconfortavelmente atual. Tudo na mesma.



Rafael Bordallo Pinheiro atribuiu ao **Zé Povinho** um significado profundamente ambíguo: por um lado, representa o povo abusado pelo poder instituído; por outro, evidencia a dificuldade em reagir e impor-se perante aquilo que reconhece como injusto. É precisamente essa dualidade que continua a fazer desta figura um espelho tão fiel da sociedade portuguesa.

Ao longo de 150 anos, o **Zé Povinho** atravessou regimes, revoluções e mudanças sociais profundas – da Monarquia à I República, do Estado Novo ao 25 de Abril – permanecendo sempre presente como símbolo de resistência passiva, consciência popular e protesto. O seu célebre manguito continua a ser um gesto de oposição e irreverência, usado sempre que o povo sente que pouco ou nada mudou.

Inteiramente pintada à mão, esta peça comemorativa integra a coleção **Figurões** da Bordallo Pinheiro e encontra-se disponível nas lojas Bordallo Pinheiro e em bordallopinheiro.com, com um PVP de 590€.

LINK COM IMAGENS





FIGURÃO ZÉ POVINHO



ZÉ MODERNAÇÃO

Lá vai ele, o Zé Povinho de sempre, com um sorriso de satisfação incontida e as suas novas albardas: o carro a prestações, o smartphone de último modelo, o futebol como paixão prioritária e a televisão, já reduzida a segundo ecrã, mero ruído de fundo do feed algorítmico que o alimenta de indignações constantes.

O “povo” - o Zé Povinho do século XIX, o “soberano” e, ao mesmo tempo, a “besta de carga” - era uma figura una. Explorado, desconfiado, passivo, por vezes matreiro, raramente heroico: assim se condensava a sátira.

Mas o “povo” do século XXI fragmentou-se. Tornou-se uma entidade mediada tecnologicamente, reclamada da extrema-esquerda à extrema-direita, e colonizada por ecrãs, vidros e filtros. Esses filtros distanciam o Zé Povinho do real e dos seus “representantes”, mas também provocam nele reações que já não cabem na mansidão de quem tudo aguentava resignadamente.

O Zé Povinho era dócil por condição, não por natureza. E só quando já não havia linguagem respeitável possível explodia no obsceno, no TOMA! - o manguito.

Agora não é bem assim.

Há uma pulverização do obsceno, no tempo e no modo. Ao volante, o Zé transforma-se num ser implacável com o que o rodeia. No futebol, pode desejar o mal ao vizinho devido à camisola de outra cor. Nas redes sociais, é capaz de escrever as mais abjetas ameaças a pessoas que nem conhece por causa de uma frase.

O Zé mudou ou mudaram-no?

O manguito apareceu tardiamente no Zé Povinho de Bordalo. Gesto do sul da Europa, acabou, no caso português, canalizado numa única figura. O manguito foi a revolta possível.

No traço de António, o Zé parece o mesmo pachola de sempre. Mas sabemos que pode explodir numa fúria a qualquer momento. Não é uma revolução, nem um ato contra o poder. É a desconfiança e a irritação empoderadas pela tecnologia.

Sem ela, o Zé Povinho - nós, portugueses - talvez continue o mesmo: capaz de aguentar e, vá lá, no limite, fazer um grande “Toma!”



NÃO SE ESPERA DE QUEM NASCE DE BARBA SEM BIGODE, cabeça de pão de quilo, dentes sopinha-de-massa, mãos de chouriço e colete de velório, chegue aos 150 anos de vida sem perder a mocidade. Mas o génio de Rafael Bordalo Pinheiro, que libertou o Zé Povinho da lâmpada de lata lusa, sabia que é só esfregar de novo e ele sai cá para fora.

É nosso Pai, Filho e Espírito Tanso (o Zé Povinho é dado ao trocadilho). É chorão e gabarola, de mãos nos bolsos e no telemóvel. Às vezes, parece que só sabe comer (ou não comer, o Zé Povinho sofre historicamente de fraco salário e pesado imposto) e, mesmo assim, os fundos rotos das calças perdem-se em pacotes de futebol na TV, a jogar à bola sem sapatos, a comprar férias a crédito num metro quadrado de areia a ferver numa praia, tão viciado nas redes sociais que, em caso de afogamento, se agarraria ao telemóvel e não à bóia de salvação. A pegar no carrinho para ir beber café ao fundo da rua, enchendo a rua de fumo sem catalizador no escape. Periodicamente vota em massa nos ideais do ranço salazarista.

Tem o espírito de delação que fez com que em Portugal, no 25 de Abril de 1974, houvesse quase 40 mil informadores da PIDE, muitos com folha secreta de pagamentos. Todos gente de bem. O que aí vier virá e, tarde ou cedo, também um novo Dia da Liberdade. Na manhã seguinte, o nosso simplório põe no prego o chapéu furado e paga anúncio numa plataforma: “O Zé Povinho informa que nunca foi bufo.”

Mas o Zé Povinho também é grande revolucionário. De súbito, não é dos mais ricos que tem inveja, mas dos mais pobres do que ele. Passámos da luta de classes para uma luta sem classe nenhuma. Luís Camões disse: “Fazei Mais O Que Souberdes”. O Zé Povinho diz: “Faz Menos E Não Te Canses”. O Zé Povinho sofre a má sorte que a si mesmo traçou. O Zé Povinho também é o pilar do mundo português. Porque também é criatura capaz de amar Portugal sem odiar o estrangeiro, ser voz colectiva e verdadeira, coragem, sabedoria e delicadeza.

O Zé porta-chaves, o Zé caneca, barril de vinho e tinteiro, o bibelô, herói de revistas do Parque Mayer e rábula de TV, será sempre pau para todas as obras.

António Antunes



ANTÓNIO ANTUNES, conhecido artisticamente como António, publicou os seus primeiros *cartoons* no diário lisboeta *República*, em Março de 1974. No final do mesmo ano, ingressou no semanário *Expresso*, onde continua a publicar as suas obras. Entre os inúmeros prémios que recebeu destacam-se: Grande Prémio do XX International Salon of Cartoons (Montreal, Canadá, 1983); 1º Prémio de Cartoon Editorial do XXIII International Salon of Cartoons (Montreal, Canadá, 1986); Grande Prémio de Honra do XV Festival du Dessin Humoristique (Anglet, França, 1993); Award of Excellence – Best Newspaper Design, SND (Estocolmo, Suécia, 1995); Premio Internazionale Satira Politica, *ex-aequo* (Forte dei Marmi, Itália, 2002); Grande Prémio Stuart Carvalhais (Lisboa, Portugal, 2005); Prix Presse Internationale (Saint-Just-le-Martel, França, 2010). Realizou exposições individuais em Portugal, França, Espanha, Brasil, Alemanha e Luxemburgo. Foi júri de salões de desenho humorístico em Portugal, Brasil, Grécia, Itália, Sérvia e Turquia. António dedica-se também ao design gráfico, à escultura e à medalhística, e é o autor da animação plástica da estação Aeroporto, do Metropolitan de Lisboa, inaugurada em 2012, constituída por caricaturas de personalidades de relevo da cidade, realizadas em pedra encastrada. Preside ainda ao júri do World Press Cartoon, salão de que é diretor desde a sua fundação, em 2005.



SOBRE A BORDALLO PINHEIRO

A Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha foi fundada em 1884, cruzando as artes tradicionais da cerâmica, a modernidade de diversos estilos que se anunciavam como o futuro, e a originalidade e irreverência do seu criador, Raphael Bordallo Pinheiro. Assim nascia a produção de peças indissociáveis, até hoje, do nosso imaginário, plenas de criatividade e humor, marcadas pela consciência social e pela transgressão das ideias feitas.

A aquisição da empresa por parte do Grupo Visabeira em 2009 resgatou esta herança de enorme valor, assegurando a continuidade de uma empresa de destacada notoriedade artística que se confunde com o património cultural nacional. Utilizando ainda grande parte das técnicas centenárias na reprodução dos modelos, a fábrica prossegue hoje a recuperação do riquíssimo e vastíssimo legado bordalliano e, animada pelo mesmo espírito pioneiro que lhe deu origem, cria produtos contemporâneos, reforçando a sua ligação a

artistas de renome da arte contemporânea e alicerçando o seu prestígio nos diversos mercados em que marca presença. Nomes como Claudia Schiffer, VHILS, Estúdio Campana, Nini Andrade, Joana Vasconcelos, Paula Rego, Maria Lynch, Vik Muniz entre outros, dão continuidade ao espírito e trabalho de Raphael Bordallo Pinheiro, seja através de reinterpretações das suas obras, seja com obras próprias, mas, marcadamente, inspiradas pelo legado que Raphael deixou. Reconhecidas internacionalmente, as coleções da marca têm sido galardoadas com os mais altos prémios de design que premeiam o talento nesta área. Já fazem parte da história da Bordallo Pinheiro prémios como os German Design Awards, Iconic Awards e European Product Design Awards. Atualmente, os principais mercados internacionais são França, Itália, Espanha, Reino Unido, Holanda, Suécia, Estados Unidos e Japão. A marca está disponível, online, no mundo todo, conquistando cada vez mais admiradores.

Para mais informações, por favor, contacte:

Institutional Communication Manager - Emília Encarnação: 96 635 39 33

Direção de Relações Públicas e Comunicação Institucional do Grupo Visabeira - rp@grupovisabeira.com

José Arimateia: 968 042 547; Fernando Correia: 967 025 132